

**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p121-135](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p121-135)

**O PENSAMENTO FORMATIVO NOS ESCRITOS ÉTICOS DE
NOVACIANO**

THE FORMATIVE THOUGHT IN NOVACIAN'S ETHICAL WRITINGS

PENSAMIENTO FORMATIVO EN LOS ESCRITOS ÉTICOS DE NOVACIANO

*Reginaldo Aliçandro Bordin**

RESUMO

O texto tem o propósito de discutir o pensamento de Novaciano (200-257) referente a dois aspectos centrais: o primeiro é apresentar a compreensão dele a respeito de cosmos, que ele concebeu de maneira ordenada, a exemplo dos pitagóricos; o segundo, e mais importante, diz respeito às suas cartas morais e a concepção que pode conter reflexões formativas, embora ele não tenha escrito nenhum texto sobre a educação. É nesse sentido que os escritos de Novaciano, *A trindade*, as três *Cartas* preservadas por Cipriano de Cartago e as exortações (*O Bem da Castidade*, *Os Espetáculos*, *Alimentos dos Judeus*) serão problematizados: de que forma eles comparecem na tradição cristã, sobretudo, em defesa de um rigorismo moral? Seus textos sugerem a existência de uma ordem natural que testemunha a existência de Deus, assim como eles indicam a condição ordenada de um cristão, cujos comportamentos sedimentados na doutrina cristã expressam a fé.

Palavras-chave: Educação, Cristianismo Primitivo, Novaciano.

ABSTRACT

The text aims to discuss Novaciano's thoughts (200-257) regarding two central aspects: the first is to present his understanding of the cosmos, which he conceived in an orderly way, like the Pythagoreans; the second, and more important, concerns his moral letters and the conception that may contain formative reflections, although he did not write any text on education. It is in this sense that Novaciano's writings, *The Trinity*, the three *Letters* preserved by Cyprian of Carthage and the exhortations (*In Praise of Purity*, *The Spectacles*, *Jewish*

* Doutor e mestre em Educação (UEM-PR), com estágio pós-doutoral em Filosofia (Ética e Filosofia Política) pela Unioeste, Toledo-PR. Professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC PR-Londrina. E-mail: reginaldobordin@gmail.com.

Foods) will be problematized: in what way they appear in the Christian tradition, above all, in defense of a moral rigorism? His texts suggest the existence of a natural order that testifies to the existence of God, just as they indicate the ordained condition of a Christian, whose behaviors sedimented in Christian doctrine express faith.

Keywords: Education, Early Christianity, Novatian.

RESUMEN

El texto tiene como propósito discutir el pensamiento de Novaciano (200-257) en torno a dos aspectos centrales: el primero es presentar su comprensión del cosmos, que concibió de manera ordenada, siguiendo el ejemplo de los pitagóricos; el segundo, y más importante, se refiere a sus cartas morales y a la concepción que puede contener reflexiones formativas, aunque no escribió ningún texto sobre educación. Es en este sentido que se problematizarán los escritos de Novaciano, La Trinidad, las tres Cartas conservadas por Cipriano de Cartago y las exhortaciones (El bien de la castidad, Los espectáculos, La comida de los judíos): de qué manera aparecen en la tradición cristiana, sobre todo, en defensa del rigorismo moral? Sus textos sugieren la existencia de un orden natural que da testimonio de la existencia de Dios, así como indican la condición ordenada del cristiano, cuyos comportamientos basados en la doctrina cristiana expresan la fe.

Palabras clave: Educación, Cristianismo primitivo, Novaciano.

1 INTRODUÇÃO

Este texto assumiu como propósito refletir sobre os aspectos formativos que podem conter nos textos de Novaciano (200-257), bispo romano do século III, reconhecido por sua erudição e a quem se atribui a condição de ser o fundador da teologia romana. Esse cismático, que Filostórgio (*Hist. Eccl.* 8,15) conferiu origem Frígia, informação contestada pela tradição posterior que afirmou ser ele romano, vivenciou a perseguição desencadeada por Décio (249-251), em 250. Os pequenos tratados que a tradição preservou, a saber, *A Trindade* e as 3 *Cartas* (30, 31, 36) preservadas por Cipriano de Cartago e um conjunto de três pequenas Exortações (*O Bem da Castidade, Os Espectáculos, Alimentos dos judeus*) dirigidas às comunidades, contêm informações suficientes as quais justificam afirmar que ele defendeu instruir os cristãos, a partir de alguns princípios importantes. A defesa dele, por um rigorismo moral e formativo, levava em consideração a conjuntura experienciada por ele e pela igreja no contexto de perseguições romanas. Em primeiro lugar, Novaciano enfrentou as consequências de um decreto imperial, estabelecido por Décio, o qual obrigava cristãos a reverenciar divindades romanas. Em segundo, em face dos cristãos que se sujeitaram à obediência da política romana, Novaciano assumiu uma posição radical, a de excluir os que ficaram chamados de caídos, *lapsi*. Essa atitude não representava

a que foi defendida pela igreja e, por isso, Novaciano estabeleceu suas críticas de maneira a criar um movimento cismático.

As posições por ele assumidas revelam-se controversas, de maneira que não há unanimidade a respeito de seu pensamento teológico e moral. Talvez por esse motivo, refletir sobre ele tem seus méritos visto que demonstra os conflitos existentes na igreja, os quais merecem a nossa atenção. É provável que as crises e transições sociais da época dele tenham cobrado de Novaciano posições as quais o colocaram em conflito com a Igreja. Seja como for, o pressuposto do qual partimos é o de que seus poucos escritos, *A trindade*, as *Cartas* e as *Exortações*, são fundamentais para entender o que pensava e os valores que defendia. Por isso, suas ideias oferecem uma compreensão das condições nas quais as mudanças aconteceram no mundo romano. Elas podem colaborar para entender que o estabelecimento e construção do cristianismo não ocorreram sem polêmicas e lutas. Nesse caso, seus textos comparecem como fontes privilegiadas a pesquisadores interessados em identificar as mudanças sociais do século III e dos princípios formativos defendidos por Novaciano.

2 A VISÃO ORDENADA DE MUNDO, SEGUNDO NOVACIANO

Santo Mazzarino (2010,1991), em seus textos sobre o *Império Romano* e o *Fim do mundo antigo*, indicou aspectos que sugerem crises agudas da sociedade romana no século III, época de Novaciano. Para aquele autor, tanto escritores romanos quanto cristãos apontaram o envelhecimento do mundo provocado pela mudança das estruturas materiais e pela crise moral, entre outros fatores importantes, a exemplo da ocupação germana. Porém, havia entre os cristãos, na compreensão desse historiador italiano, um pessimismo refletido na convicção apocalíptica de fim de mundo, situação que os levou a introduzir uma interpretação bíblica das crises. O enfrentamento dessa condição demandava cuidados na formação humana, como se fosse um doente que se preparava para superar os problemas. Os remédios, entretanto, não eram os mesmos para romanos e cristãos: se de um lado Décio tentou assegurar as tradições romanas porque as percebia em risco, de outro, os cristãos se dedicavam a estabelecer suas práticas religiosas como solução às crises, numa sociedade que desencadeou uma radical política anticristã. Em face a tais situações,

os textos de Novaciano parecem estabelecer seu prognóstico ao afirmar a fragilidade da natureza humana a ser educada para se acostumar a “ver o Filho”, isto é, indicava uma apropriada formação humana como instrumento de adequação do cristão aos princípios do cristianismo.

Para refletir sobre esse assunto, a diversa obra de Novaciano, distribuída em epístolas, textos teológicos e doutrinários, comparece ao apresentar não apenas a fragilidade humana, mas também a imagem que o autor fez do mundo e o papel humano nele. Do conjunto de textos citados por São Jerônimo (*De viris Illustribus*, 70), restam apenas poucos títulos: *As cartas de Novaciano a Cipriano*, os *Escritos Éticos* e o mais conhecido de seus livros, *A Trindade (De Trinitate)*, composta, possivelmente, entre os anos 240 a 251. Esse tratado antecipa as discussões de Santo Agostinho a respeito da Trindade, ainda que esse termo não apareça definido no texto. O título não é original, pois Novaciano não concebeu seu tratado como uma obra sobre a Trindade, no entendimento de Maria Freire da Silva (2016). Trata-se, isto sim, de uma reflexão sobre a regra da verdade (*De Trin.*, 1,1) à qual o cristão deve se ater. O pressuposto de que parte é o de que Deus, Pai e onipotente, é criador de todas as coisas e o fez ordenadamente. Criou primeiro as coisas do alto e depois a terra e os mares (*De Trin.*, 1,1), depois, “os nascimentos luminosos do sol” e, para alívio da noite, a lua. Elaborou os ciclos do tempo, os dias, os meses, os anos e as estações para a utilidade do gênero humano (*De Trin.*, 1.2).

A imagem elaborada por Novaciano, que parece se assemelhar a uma visão pitagórica de mundo, pressupõe uma ordem harmoniosamente disposta cuja finalidade é a de testemunhar o talento de seu artífice (*De Trin.*, 1.4) e estabelecer, para o homem, as leis divinas. Com efeito, a argumentação dele, ao demonstrar a descrição da perfeição da criação, parece ser a de justificar o fato de que a criação tem como fim servir às necessidades humanas. O homem, o último da criação e feito à imagem e semelhança de Deus, recebeu inteligência, razão e prudência para que, a Deus, pudesse imitar (*De Trin.*, 1.5). O homem assemelha-se a Deus não pelos atributos materiais, mas pela qualidade racional (ideia cara a Platão) a partir da qual ele pode sondar os mistérios divinos e encontrá-Lo. Na compreensão de Moerschini (2008), o emprego que o homem faz da razão imita o emprego que dela faz Deus. Deus, portanto, está acima de todas as coisas, concepção que contém traços do pitagorismo e do estoicismo dos

romanos Cícero e Sêneca. Moerschini alertou para o fato de que, em Sêneca, na carta *Consolação à Minha mãe Hélvia* (1988, 8,3), consta o registro de Deus como intelecto regente, senhor de tudo:

Crê-me, isso foi feito por aquele que deu forma ao universo, seja ele o Deus Senhor de Tudo, seja a incorpórea razão, artífice das maiores obras, seja o divino espírito difundindo com igual intensidade em todas as coisas, as máximas e mínimas, seja a sorte e a série imutável das causas ligadas uma à outra.

A natureza dos deuses, de Marco Túlio Cícero, comparece na defesa do pressuposto de que existe uma natureza capaz de abarcar e proteger o mundo em seu conjunto (I, 11 29-30). Mantém o mundo unido em suas partes por uma razão que a tudo perpassa, ideia importante ao estoico e que será, de certo modo, também do cristianismo na defesa de uma imagem do mundo no qual reside uma igreja unida em seus membros - como corpo de Cristo – sem divisões e conflitos. Em Cícero (II, 11, 29-30), reside o princípio de que há partes do mundo que albergam sensação e razão e, necessariamente, elas têm um princípio retor do mundo. Esse princípio é parecido com a mente humana em relação ao corpo e a seus apetites. Existe, afirma Cícero, uma natureza capaz de abarcar e proteger o mundo em seu conjunto, tanto quanto em Novaciano (*De Trin.*, 2,10) existe um Deus que abrange tudo e nada existe fora dele e, atento à sua obra, (...) *“percorre-a toda, dando-lhe movimento e vivificando-a em sua totalidade, contemplando-a em sua inteireza e unido de tal forma na concórdia as matérias discordantes de todos os elementos que, de elementos diferentes, constitui-se assim um só mundo”*.

A perfeição harmoniosamente disposta do mundo expressa, desse modo, a grandeza de quem o criou, mas é o próprio homem, posto à frente do mundo, cujo corpo foi insuflado com um hálito celeste e divino (*De Trin.*, 1,5), sobre o qual Novaciano procura discursar. Na sua condição material, o homem não pode expressar o que experencia da natureza divina; não pode explicar com palavras como ele é (*De Trin.*, 2,13). Novaciano parte do pressuposto da insuficiência humana para exprimir em linguagem aquilo que compreende da natureza divina. *“Tudo aquilo que dele for pensado, será menor que ele mesmo; e tudo aquilo que for enunciado, se comparado com ele, menor que ele será”*. Assim, ele afirmou que compreendemos com a inteligência se pensarmos que ele é Deus, mas a natureza do seu ser, sua qualidade e grandeza não

podem ser entendidas plenamente, nem podem vir ao próprio pensamento (*De Trin.*2,14), defendeu Novaciano, porque, a rigor, elas não são condições materiais. Se assim o é, em razão da condição frágil, que deve o homem fazer? Como compensar a fragilidade aludida por ele?

A resposta não é simples, mas Novaciano sugere um aspecto que aqui nos interessa: por entender que há limitação na compreensão das pessoas, dada a condição da inteligência delas, resta que a mente progrida no entendimento até alcançar o que deseja, de acordo com a condição da fé (*De Trin.*,6,32). Resta o fato de que a mediocridade da condição humana seja conduzida e educada para que, acostumada a ver o Filho, possa ver também o próprio Deus Pai como ele é (*De Trin.*, 18, 102). Novaciano aposta, portanto, na ação formativa a partir da qual o gênero humano possa conhecer a Deus por meio do Filho, de maneira a superar as limitações humanas. Assim, o cristão reconhece a ordem de valores, princípios e condutas que o orientam para Deus. Ainda que os escritos novacianos não sejam tratados de educação (entendida aqui como um fenômeno social e coletivo a partir do qual uma geração é formada e formadora) neles contêm os aspectos que aludem para uma preocupação formativa. Esse entendimento resulta do fato de que, primeiro, havia a condição de estabelecer ao cristão os parâmetros comportamentais assentados na doutrina cristã e, em segundo, a urgência em responder os anseios de uma época conturbada por conflitos internos e perseguições, por meio da defesa de atitudes consideradas por ele puras e exemplares.

3 AS CARTAS MORAIS DE NOVACIANO E A FORMAÇÃO DO HOMEM CRISTÃO

Distintamente do *De Trinitate*, de caráter dogmático e até apologético, os escritos éticos contêm princípios distintos. Enquanto o primeiro registra as discussões teológicas-filosóficas a respeito de Deus, da criação do homem e da unidade da igreja a partir de Cristo, os textos e cartas indicam outras preocupações, mais centradas nas discussões morais e disciplinares, de apelo rigorista. No conjunto das três cartas, as quais noticiam as preocupações novacianas com os hábitos e os costumes, destacam-se *O bem da Castidade* (*De pudicitia*), escrito posterior ao cisma de 251, *Os alimentos dos judeus* (*De cibis iudaeorum*) e os *Espetáculos* (*De spectaculis*), provavelmente redigidos antes da perseguição de Décio, em 250, segundo

informações de Freire (2017). As três epístolas têm em comum dois aspectos principais: o primeiro trata do registro de que foram endereçadas a alguma comunidade cristã, pois elas sugerem a ausência de Novaciano¹; o segundo refere-se a ideia de Novaciano procurar estabelecer quais as condutas tidas como adequadas ou inadequadas ao cristão, seja no que ele consome em termos de alimentos, seja na recriminação na participação de espetáculos pagãos e a *pudicitia* enquanto ideal de conduta.

A esse respeito, Novaciano, na epístola o *Bem da Castidade*, considerou aquilo que seria útil à salvação. Destacou a necessidade de buscar o crescimento na fé e na ciência (*De Pud*, 1,1). Entre as duas, privilegiou a fé porque sua fonte é as Sagradas Escrituras, a partir das quais concede a quem pratica seus mandamentos, a coragem para o cumprimento de cada palavra conhecida (*De Pud*, 1,5). Novaciano, atento aos mandamentos cristãos e em face desse princípio, entendeu que a pudicícia deve ser desejada e praticada. Ela seria garantia de redenção, pois se vincula à disciplina dos bons costumes e proporciona, ao cristão, o serviço das obras santas. Ele defendeu o fato de que, quando praticada, a pudicícia unifica o duplo bem dos preceitos e das obras, sem que uma e outra esteja mutilada quando postas a serviço das obras que cumprem ao cristão (*De Pud*, 2,5). Além do mais, ela é uma virtude que honra os corpos, adorna os costumes e reforça a santidade e o vínculo dos matrimônios. Por isso, Novaciano considerou um valor que prima pela discricção e inocência e, por isso, agradável a Deus (*De Pud*, 3,1). Para Novaciano, estimada por homens e mulheres, ela é importante uma vez que nos une a Cristo e arranca-nos do corpo todos os ilícitos combates do desejo, trazendo a paz a nossos corpos, além de tornar-se, até mesmo, venerável aos olhos dos inimigos (*De Pud* 3,2).

O valor da pudicícia foi exaltado por ele, pois entendeu que ela é uma virtude de preservação do corpo e da moralidade a qual a acompanha. Além do mais, ela seria pressuposto da moderação dos desejos e princípio da unidade que a igreja requisitava, sobretudo em tempos conflituosos, por ele vivenciados. Em face disso, ele alertou para os cuidados com os vícios. Considerou a lascívia como aquela predisposição que provoca danos para o patrimônio e para o pudor: “*Inimiga da*

¹ “Ao interpelar-vos na fé, segundo o modo acostumado, com exortações enviadas, vou, por esta razão, ao vosso encontro” (Novaciano, *O bem da castidade*, 1,3).

continência, ela é um fervor encarniado de desejos que amiúde chega ao derramamento de sangue” (De Pud., 3,4). Ao advertir sobre os riscos de ceder à falta de continência, Novaciano chama a atenção para outra virtude a qual considera fundamental: a castidade. Ela não diz respeito apenas aos virgens, às virgens ou à manutenção dos matrimônios (*De Pud.* 4,1), mas, unida à pudicícia, colabora para a unidade da igreja, para a fidelidade de seus participantes a Cristo (*De Pud.* 5, 3-6). Não pertencente a nenhum dos sexos, pois quem a pratica é livre: esta pessoa não se ordena às obrigações do matrimônio, nem ao mundo, nem aos filhos e não está sujeita a um marido dominador (*De Pud.*, 7,6).

As considerações de Novaciano, a respeito dos bens da castidade, foram realizadas em forma de exortação, como ele mesmo sentenciou no encerramento de sua carta (*De Pud.*, 14, 4), a fim de que contenha os preceitos necessários para o exercício de uma vida beata. Na efetivação desse comportamento, entendeu que a castidade é uma virtude essencial, pois, por meio dela, se alcança o temor a Deus, a honestidade e um espírito propenso à fé. Para isso, recomendou moderação nos costumes e nas condutas. Alertou para o cuidado com o corpo com o intuito de ele não ser adornado demais, pintado como arte, forjado para provocar ou reter os olhares (*De Pud.*, 12,2). A beleza, portanto, não reside no enfeite do corpo, motivo dele atacar a pintura dos cabelos e das extremidades dos olhos, a constante consulta ao espelho ou de vestimentas adornadas com ouro e pedras preciosas (*De Pud.*, 12, 5-6). Ao contrário: está na conduta que ele considera moderada e ilibada, longe de uma vida próxima dos espetáculos.

O *De spectaculis*, a propósito, é uma pequena carta, inspirada em Tertuliano, de data incerta, a qual expressa a indignação de Novaciano com aqueles que participam dos espetáculos gentios e as superstições deles (*De Spec.*, 1,1; 2,1). Para Novaciano, quando um cristão participa de espetáculos em honra aos deuses passados, não apenas afirma a idolatria pagã, como também acaba por desprezar a religião que ele considera verdadeira, em afronta a Deus (*De Spec.*, 2,2). Mas, além disso, por que não é lícito frequentar espetáculos públicos? São muitos os motivos elencados por Novaciano para condená-los e se opor aos cristãos que cultivam essa prática. Em primeiro lugar, porque eles representam o culto às divindades antigas e, como tal, são espetáculos tidos como idolátricos. Para ele, a idolatria é a mãe de todos os jogos e,

por isso, pode afagar os cristãos pelo prazer da vista e dos ouvidos. A idolatria, portanto, mistura-se aos espetáculos a fim de que pudesse ser amada pela via do prazer (*De Spec.*, 4,4-5).

Logo, enquanto se acostumam a vê-los, aprende também a fazê-los (*De Spec.*, 6,3) de modo que é preciso se afastar de todos os gêneros de espetáculos: se as Escrituras não mencionam todos eles, então cabe à razão ensinar aquilo que os textos sagrados silenciaram (*De Spec.*, 3,4); apela-se ao uso da razão que possibilita discernir o que é ou não conveniente ao cristão. Por isso, Novaciano entendeu que cabe ao cristão perscrutar a consciência e a profissão de fé que fez e nada fazer de indecoroso (*De Spec.*, 3,5). Em face dessa recomendação, ele considerou que os jogos circenses, as poesias, quer acompanhadas por instrumentos de cordas quer a coros ou a demonstrações de força, têm o que ele chamou de demônios por patronos (*De Spec.*, 4,5). Além do mais, as delícias dos espetáculos mandam alguns à morte, para que seu público aprenda a raiva, prática não encorajada por cristãos, na vida privada ou na pública (*De Spec.*, 5,1). A crítica de Novaciano aos espetáculos diz respeito àquilo que eles oferecem aos sentidos: trazem à memória aqueles desejos e vícios que o cristão deve afastar. Proporcionam à visão os desejos desordenados, os costumes considerados fúteis e os comportamentos incompatíveis com a fé cristã. Sobretudo, põe em evidência representações das antigas eras as quais o tempo se encarregou de esconder (*De Spec.*, 6,6), numa clara demonstração de que, para Novaciano, a época é outra com referências religiosas e morais respaldadas pelo cristianismo.

No novo tempo em que o cristianismo se estabelece, portanto, sugere novos valores e condutas comprometidas não mais com um mundo que se esgota. Condenam-se as práticas associadas à vida romana, porque suas referências – o *mos maiorum* - provavelmente não atendem às demandas de um mundo que se transforma socialmente. Com efeito, nas condições e crises do século III, Novaciano se posicionou ao condenar o modo de ser dos romanos e criticou cristãos que a ele se associaram, defendendo uma posição purista e rigorista: “os fiéis hão de fugir de todas essas coisas, de tão vãos, de tão perniciosos, de tão sacrílegos espetáculos, dos quais se há de resguardar tanto nossos olhos como nossos ouvidos” (*De Spec.*, 8,2). Em contraposição aos teatros e lutas nos ginásios, por exemplo, ele propõe novas

referências e princípios. Os espetáculos que escandalizam são substituídos pelo recolhimento em si mesmo. Os jogos e os clamores bélicos são abandonados em favor de outra realidade a ser contemplada, a beleza do mundo: “*que contemple um nascer do sol e, depois, um ocaso, que fazem sair os dias e as noites em mútua alternância. Que olhe o globo da lua, a marcar o curso dos tempos com seus incrementos e decréscimos*” (*De Spec.*, 9,1).

Na composição dos valores que sedimentam o perfil formativo defendido pelo cismático, a ordem do mundo compreendida, como obra divina, é o espetáculo para os fiéis cristãos. Que se interrogue, afirmou ele (*De Spec.* 9, 2-3) igual a um estoico, as partes de um ano a suceder-se, os próprios dias e noites, distribuídos por espaços e horas. Que seja a massa da terra, os rios generosos com suas fontes, o ar intermediário, que permanece igualmente constante em harmonia, estendido por meio de laços de concórdia, vivificando tudo em razão de sua sutileza, o espetáculo que possibilita ao cristão contemplar a criação divina. Portanto, as construções humanas são substituídas pela contemplação das obras divinas. Os festivais públicos são desvalorizados e substituídos pelas referências das Sagradas Escrituras: “*ali encontrará os espetáculos condignos da fé*” (*De Spec.*,10,1).

A pureza da visão, conquistada pelo afastamento dos espetáculos, e do corpo pelo cultivo da castidade, é complementada pelas leis relativas aos alimentos. A carta intitulada *De cibis iudaeorum* registra o interesse de seu autor quando defende o princípio de que ela deve não só instruir os eruditos, como também estimular os bem-dispostos. Sugere também conservar um Evangelho genuíno e expurgado de toda mancha de doutrina perversa. Igualmente, menciona o fato de que Cristo é o único mestre a ser seguido (*De cibis*, 1,4). Parece evidente que Novaciano se refere aos judeus e às suas doutrinas no sentido de que o cristianismo deve seguir outra lei, a de Cristo. A esse respeito, Altaner & Stuiber (2004) indicaram que o texto chamado *Os alimentos dos judeus*, mostra que os cristãos já não são obrigados à observância das leis judaicas sobre os alimentos, devendo apenas evitar comer carnes imoladas aos ídolos. Com efeito, dirigida aos fiéis de Roma antes da perseguição de Décio, ele procurou argumentar contra os judeus (*De cibis* 1,6) e expor sobre os alimentos consumidos (*De cibis* 1,7).

A princípio, a fim de contestar a interpretação judaica de que há alimentos puros e impuros, Novaciano considerou que os judeus não interpretaram adequadamente a Lei, como informou na epístola *De cibis iudaeorum* (*De cibis*, 1,6). Para ele, a Lei é espiritual, de maneira que as realidades divinas hão de ser acolhidas divinamente (2,1). Se assim é considerado, então ele justifica o fato de que incorrem em culpa quando as Escrituras são erroneamente entendidas ou quando as leis humanas são preteridas em relação às divinas (*De cibis*, 2,2). Além do mais, ao considerar o problema da impureza dos alimentos, ele não a entendeu como se fosse determinada pela Lei divina, uma vez que Novaciano compreende o que seria uma contradição da interpretação judaica; com efeito, Deus não poderia ter condenado as suas próprias obras aprovadas como boas, isto é, ou teria produzido todas as coisas puras ou não (2,4). Nesse caso, seria inconcebível tê-las criado impuras uma vez que todo o resultado da criação expressa a grandeza do Criador: “*tudo o que foi criado por Deus é puro. E não há de reprovar o que é puro em virtude da própria garantia que deriva da criação, a fim de que a culpa não venha a recair sobre o seu Autor*” (*De cibis*, 3,1).

Ao indicar o que ele considerou contradição na interpretação da lei, Novaciano defendeu outro princípio: animais puros e impuros representam costumes humanos. O que ele argumentou era o fato de que o estabelecimento de animais puros e impuros ajuda no discernimento dos vícios a serem evitados entre os homens. Assim, quando um animal irracional é rejeitado por algum motivo, tal motivo é ainda mais condenável no homem, que é racional (*De cibis*, 3,4). Se censura a imundície nos animais, tanto mais reprovável e culpável tal coisa no homem. Assim sendo, a descrição de alimentos puros e impuros a que os judeus se referiram, tinha, em Novaciano, a pretensão de estabelecer costumes adequados e inadequados. Nos animais, afirma ele, acham-se representados costumes humanos, seus atos e suas vontades, em virtude dos quais os próprios homens se tornam puros e impuros: “*puros, se ruminarem, isso é, se conservarem sempre na boca, como uma espécie de alimento, os preceitos divinos*” (*De cibis*, 3,7).

A partir disso, o que o texto elenca é um conjunto de caracterizações de animais que expressam virtudes e vícios. Um exemplo destacado por Novaciano diz respeito àqueles que possuem cascos fendidos, considerados firmes no caminho de uma vida de justiça e virtude. Para ele, o caminhar dos que têm o pé dividido em duas unhas

tem andadura sempre vigorosa na medida em que o que vacila numa das partes da unha é sustentado pela robustez da outra (*De cibis*, 3,8). Em contrapartida, são impuros aqueles cujo caminhar nas virtudes não é firme, nem sequer alimento dos divinos preceitos resiste muito tempo em sua boca por causa de alguma ruminação (3,9). Novaciano, portanto, considerou animais como espelhos da vida humana, no qual estão representados os atos humanos. Com efeito, afirma ele, “*Quem há que coma um lagarto? Mas todos odeiam a inconstante mutabilidade da vida*” ou “*Quem come um estelião? Mas não há quem não excre manchas das mentes*” ou “*Quem come um açor, um milhafre ou uma águia? Mas qualquer um odeia os salteadores, gente que vive do crime violento*” (*De cibis*, 3, 18-20).

Ao listar os animais, Novaciano não fez outra coisa que não os estabelecer como modelos de condutas a partir dos quais faz relação com virtudes e vícios. Nos animais, tais coisas não seriam pecaminosas, porque nasceram assim, mas nos homens são reprováveis, pois considera contrária à natureza deles (*De cibis*, 3,24). Por isso, tem-se a exigência de correção dos hábitos e treino da racionalidade a partir da qual é possível discernir os atos humanos, em sintonia com os preceitos do cristianismo, sobretudo, aquele de hábitos mais rigorosos, defendidos por Novaciano. Assim entendida, as ponderações de Novaciano partem do princípio de comportamentos que ele considerou incompatíveis com a doutrina a qual tomou como referência. Ao eleger princípios puros e impuros, parece que faz uma releitura do Levítico, a fim de mostrar, pedagogicamente, que ações detestáveis não devem ser propostas como exemplos a serem seguidos (*De cibis*, 6,8). Além do mais, parece evidenciar outra influência, a de Sêneca (*Ep.* 122, 5-6), quando este considera o fato de que todos os vícios são hostis à natureza, todos eles evitam a ordem natural das coisas.

Esse parece ser o aspecto que melhor caracteriza as reflexões de Novaciano, no contexto de eventos de perseguições e crises no seio da igreja de Roma e de Cartago. A busca por referências de comportamentos em uma época que reclamava um novo perfil de homem, foi o que Novaciano procurou oferecer. Nesse perfil, ele postulou que os valores cristãos devem pavimentar uma vida pura, conquistada pelo processo formativo. Nele, como seus textos revelam, cumpre instruir racionalmente homens e mulheres a fim de que a compreensão que possam ter da doutrina cristã esteja isenta de contradições e erros. Também entendeu que os espetáculos os quais

caracterizavam a vida romana não deveriam contar com a participação de cristãos, visto que pode influenciar, pelo prazer da visão, atitudes inconciliáveis com o cristianismo. Igualmente, buscou o rigor da pureza do corpo, quer pela recomendação da castidade como valor, quer pela moderação da alimentação e do vinho, os quais entorpecem o julgamento. Para ele, contrário à Lei judaica, todos os alimentos são permitidos, exceto aqueles imolados nos altares das divindades romanas. Apesar da defesa da fé cristã, seu nome ainda está associado ao movimento cismático que ele liderou. Sua posição antipapa o coloca distante dos méritos que consagraram Cipriano e Eusébio de Cesareia e, justamente por isso, essa condição faz de Novaciano personagem exemplar para estudos futuros.

4 CONCLUSÃO

As reflexões de Novaciano conferem a ele a reputação de um pensador original. Embora estivesse à margem da tradição cristã, devido às posições controversas que assumiu, ele é fundamental para compreender os conflitos sociais e religiosos expressos nos valores defendidos e negados. A carência de textos e reflexões sobre Novaciano pode evidenciar a preferência de estudiosos pelos rivais dele, os quais se posicionaram na defesa da ortodoxia cristã, a exemplo de Eusébio de Cesareia. Este assumiu uma postura nada elogiosa em relação a Novaciano, de modo a transmitir, para as gerações posteriores, um retrato negativo e até pejorativo. Para além desse valor atribuído, que não interessa ao historiador, é preciso situá-lo no conjunto de interesses contraditórios de uma igreja em construção. A esse respeito, é função do historiador situá-lo nas condições do século III e pensar as transições, suas motivações e contradições para entender o que se estabelece e em quais condições.

No caso de Novaciano, ele põe em evidência o fato da consolidação da fé cristã ser conflituosa, até violenta. Os personagens, assim como as ideias deles, oferecem visibilidade das condições gerais em que as mudanças se processam, por isso, o necessário enfrentamento das fontes históricas. Igualmente, os textos novacianos identificam não apenas os padrões gerais, por assim dizer, como também os modos pelos quais ele enfrentou as crises do seu tempo. E as enfrentou defendendo a unidade da igreja, ainda que assumisse posição controversa; assumiu a condição e protagonista em face da querela dos lapsos, da mesma maneira que propôs um

conjunto de valores os quais formariam o homem e a mulher, segundo princípios cristãos. Com os instrumentos que tinha à disposição, liderou um movimento no qual pretendia pôr a igreja nos trilhos que considerava adequados. Em face disso, ciente de seu papel, lutou tanto com as forças romanas quanto com os adversários da igreja que fazia parte. Por isso, para além desse texto, sua participação nesse processo levanta inúmeras questões que merecem ser respondidas, a fim de recolocá-lo no devido lugar na história.

BIBLIOGRAFIA

ALTANER, B.; STUIBER, A. **Patrologia**: vida, obras e doutrinas dos Padres da igreja. 3.ed. São Paulo Paulus, 2004.

CIPRIANO DE CARTAGO. Cipriano a los presbíteros y diáconos. In. CIPRIANO DE CARTAGO, **Obras completas**, I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiano, 2013, p. 470-471.

CIPRIANO DE CARTAGO. Cipriano a los presbíteros y diáconos de Roma. In. CIPRIANO DE CARTAGO, **Obras completas**, I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiano, 2013, 477-479.

CIPRIANO DE CARTAGO. Cipriano a Antoniano. In. CIPRIANO DE CARTAGO, **Obras completas**, I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiano, 2013, p. 633-665.

CIPRIANO DE CARTAGO. Cipriano a Fortunato. In. CIPRIANO DE CARTAGO, **Obras completas**, I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiano, 2013, p.667-669.

CICERÓN, M.T. **Sobre la naturaleza de los Dioses**. Gredos: Madrid, 1999.

FILOSTÓRGIO. [The ecclesiastical history. trad. Edward Walford, London, Henry G. Bohn, 1855.](#)

FREIRE, Heres Drian de O. Os escritos éticos e as cartas de Novaciano. In. NOVACIANO. **A Trindade, Escritos éticos, Cartas**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 139-149.

FREIRE, Maria da. **A linguagem trinitária de Novaciano**. São Paulo: Revista Cultura Teológica. N. 88, jul/Dez, 2016, p. 106-121. Data de acesso: 20 de Outubro de 2025. <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/issue/view/1613>

MAZZARINO, Santo. **L'Impero romano**. Roma: Editori Laterza, 2010.

MAZZARINO, Santo. **O fim do mundo antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MORESCHINI, C; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina**: de Paulo à Era Constantianiana. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MORESCHINI, Claudio. **História da filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2008.

NOVACIANO. Los presbíteros y diáconos de Roma a Cipriano. In. CIPRIANO DE CARTAGO, **Obras completas, I**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristiano, 2013, p. 511-521.

NOVACIANO. O alimento dos judeus. In. NOVACIANO. **A Trindade, Escritos Éticos, Cartas**. São Paulo: Paulus, 2017, p.151-171.

NOVACIANO. A Trindade. In. NOVACIANO. **A Trindade, Escritos Éticos, Cartas**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 19-138.

NOVACIANO. O Bem da Castidade. In. NOVACIANO. **A Trindade, Escritos Éticos, Cartas**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 187-206.

NOVACIANO. Os espetáculos. In. NOVACIANO. **A Trindade, Escritos Éticos, Cartas**. São Paulo: Paulus, 2017, p.173-186.

SÃO JERÔNIMO. **Sobre os Varões Eclesiásticos Ilustres**. Trad. Pe. Alfredo Rafael Belinato Barreto. Londrina: Midiograf Il. (s/d).

SÊNECA, L. A. Consolação a minha mãe Hélvia. In. SÊNECA, L.A et. All. **Antologia de Textos**, São Paulo: Abril Cultural, 1988, p. 181-214.

SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, Ep. 122, 2014, p. 685-692.